



OBSERVATÓRIO

Riscos para doentes oncológicos

Projeto

Produtos que os doentes misturam com os tratamentos para o cancro "têm causado graves problemas de saúde". Último tema da campanha de um projeto de que o Expresso é parceiro

Nos últimos 30 anos entraram no mercado cerca de 124 medicamentos para o cancro, sendo que apenas 20 são de síntese química total. Todos os outros têm origem em produtos naturais. Estas substâncias químicas retiradas da natureza são suficientemente ativas para poderem contribuir para matar células tumorais, mas devidamente controladas e doseadas permitem que o benefício seja superior ao risco. Essa é uma das principais razões por que não se devem usar as plantas diretamente, pois poderia matar-se o doente em vez de o salvar.

O uso de extratos de plantas só é seguro se estes forem preparados com rigoroso controlo de qualidade e as doses dos constituintes devidamente determinadas. E estes produtos devem estar registados nas entidades respetivas, consoante a categoria.

O mesmo se aplica a plantas recomendadas como medicamentos para o cancro. O medicamento Vinorelbina é um alcaloide extraído da planta *Vinca rosea* (*Catharanthus roseus* L.); a Paclitaxel e outros similares são derivados de compostos extraídos do teixo (*Taxus baccata* L.); a Combreastatina foi estudada e desenvolvida a partir do *Combretum cafrum* L. Estes são apenas alguns exemplos, entre muitos outros. Dada a sua elevada atividade terapêutica não podem ser usados diretamente da planta, pois não é possível controlar a dose que se utiliza e com o elevado risco de toxicidade pode conduzir à morte do doente.

O "milagre da cura"

Os constituintes ativos, quer estejam isolados quer em concentrados extratos padronizados, para que exerçam a sua atividade causando o mínimo de efeitos secundários devem ser usados com o máximo rigor e com o mínimo de interferências.

"O número de pessoas com cancro aumenta de ano para ano e o de produtos naturais que anunciam o milagre da cura também", resume Maria da Graça Campos, coordenadora do Observatório de Interações Planta-Medicamento (OIPM/FFUC) e que também lidera o grupo de investigação do Projeto "Ici-Plant — Interações entre Citostá-

ticos e Plantas" que, desde 2009, decorre entre a Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra e o IPO de Coimbra.

Esta semana, o alerta aos cidadãos incide em exclusivo "sobre os produtos que os doentes misturam com os tratamentos oncológicos e que têm causado graves problemas de saúde em Portugal e em outros países", acrescenta.

A Organização Mundial de Saúde tem recebido várias notificações de efeitos adversos com produtos de origem natural e a Food and Drug Administration, nos EUA, também. Em Portugal será o Observatório de Interações Planta-Medicamento a receber essas notificações que depois serão reencaminhadas para os outros organismos competentes nestas áreas — consoante se trate de um suplemento, alimento ou medicamento.

Pelo país inteiro, vários doentes tiveram acompanhamento da equipa de Maria da Graça Campos que, além de poder contribuir para o estudo das interações planta-medicamento, analisa produtos trazidos pelos doentes, tendo havido alguns casos em que estavam contaminados com substâncias tóxicas.

Dificuldades de coagulação, alterações na sedação e de pressão arterial são alguns dos exemplos citados por Luísa Costa, investigadora do OIPM, Anabela Marques, do departamento de anestesia dos CHUC, e as docen-

tes Margarida Castelo-Branco e Graça Campos que prepararam no último ano tabelas de interação planta-medicamento em perioperatório para serem divulgadas em Portugal.

Efeito do medicamento

Na prática, o que acontece é que se pode reduzir o efeito do medicamento se for diminuída a absorção ou a distribuição. Há redução na absorção sempre que conjuntamente com o medicamento se consomem sementes (por exemplo, linho, psílio, chia), algas ou fibras. Além disso, alguns medicamentos precisam de proteínas que os transportem e se estas estiverem inibidas, como é o caso da P-glicoproteína quando se toma hiperico, o medicamento pode não chegar ao sangue na quantidade suficiente para ser eficiente na dose recomendada.

Também se reduz a permanência de um medicamento no nosso organismo quando se estimula a excreção renal, como acontece com o uso de plantas com atividade diurética (alfavaca-de-cobra, alcachofra, aipo, dente-de-leão, cavalinha, etc.).

Por outro lado, plantas como a erva de São João, também conhecida por hiperico, ginseng americano, alcachofra, cardo mariano, salvia miltiorrhizae (danshen), entre outras, aumentam a metabolização enzimática de alguns medicamentos, dimi-

nuindo a quantidade disponível para exercer a sua atividade terapêutica. A redução da dose disponível do medicamento pode conduzir a uma ineficácia do tratamento, o que poderá levar à continuação da proliferação do processo tumoral.

Existem contudo medicamentos que só após esta primeira fase de metabolização se transformam no medicamento propriamente dito. Se a metabolização da enzima em causa for inibida, o medicamento nunca se transformará na versão ativa — e nunca se gerará o efeito terapêutico.

Situações de potenciação da toxicidade de alguns medicamentos dão-se por mecanismo inverso, ou seja, se for aumentada a absorção ou se as enzimas forem inibidas, deixando de exercer a sua atividade total na metabolização do medicamento. São exemplos desta atividade plantas como o alcaçuz, alho fresco, alô, bagas de goji, cardo mariano, castanheiro-da-índia, angélica, ginkgo, ginseng asiático, hidraste, kava-kava, mangostão, própolis, extrato de sementes de uvas, sumo de toranja, valeriana e vinca.

Para mais informações o Observatório de Interações Planta-Medicamento dispõe de uma linha de apoio à população e aos profissionais de saúde (239 488 484). Mais informações podem também ser consultadas na página de internet www.oipm.uc.pt.

"Aprender saúde entre as plantas e os medicamentos" é um projeto pioneiro do Observatório de Interações Planta-Medicamento financiado pelo Programa COMPETE Ciência Viva/QREN e coordenado por Maria da Graça Campos, que dedicou os últimos 30 anos à investigação científica com plantas e que integra o Grupo Drug Discovery do Centro de Estudos Farmacêuticos da Universidade de Coimbra (UC). A docente da Faculdade de Farmácia da UC, que tem lecionado, além de Farmacognosia (medicamentos a partir de matrizes naturais), Plantas Medicinais e Fitoterapia, juntou colegas de várias áreas científicas e com eles tem reunido e estudado a realidade portuguesa quanto ao consumo concomitante de medicamentos e produtos naturais (plantas medicinais ou alimentos). Avaliaram as interações que podem causar mais danos na saúde e agora estão em condições de começar a devolver à sociedade essa informação. O Expresso é um dos parceiros.